

A ATIVIDADE METALINGUAGEIRA COMO PROCEDIMENTO DISCURSIVO ESTRUTURANTE DA NARRATIVA EM *ALLAH N'EST PAS OBLIGÉ* DE AHMADOU KOUROUMA

Vincent Danho Yayoⁱ

Resumo: A recusa em admitir o princípio formalista do fechamento do sentido em *Allah n'est pas obligé* é a prova tangível da autoridade da atividade metalinguageira nessa narrativa. Para tanto, a análise propõe mostrar os procedimentos discursivos que participam da realização dessa atividade. A narrativa em discursos metalinguísticos é possível pelo sistema interrogativo, revelador do modo do "dizer" e pelo procedimento do discurso indireto que leva à reformulação do enunciado. O texto narrativo, fundado na fórmula da equação $A=A'$ deixa perceber igualmente a dimensão reflexiva da escritura romanesca com o dobrar-se da linguagem sobre si mesma para operar sua elucidação. Em paralelo a essa prática, efetua-se a operação de tradução visando à correspondência de significação. Essa forma de tradução, que não deixa de influenciar a narrativa, revela procedimentos de transformação percebidos através da reativação de um gênero e dos tipos de augmentação: a extensão e a expansão consideradas como procedimentos de amplificação textuais.

Palavras-chave: Narrativa. Reformulação. Linguagem. Tradução. Dimensão reflexiva.

Abstract: The refusal to admit the formalistic principle of the closing of the meaning in *Allah n'est pas obligé* is tangible proof of the authority of the metalinguistic activity in this narrative. To do this, the analysis attempts to show the discursive processes involved in the implementation of this activity. The narrative in metalinguistic discourse is made possible by the interrogative system, revealing the mode of "say" and the method of indirect speech calling for the reformulation of the statement. The narrative, based on equational formula $A = A'$, lets also collect the reflexive dimension of novel writing with the return made by the language on itself for its elucidation. In addition to this practice, takes place the translation operation to the correspondence of meaning. This form of translation, which is not without influence on the narrative, reveals transformational processes seen through the reactivation of a genre and type of augmentation: the extension and expansion, considered textual amplification processes.

Keywords: Narrative. Reformulation. Language. Translation. Reflexive dimension.

ⁱ Docente da Université Alassane Outtara (UAO), Costa do Marfim. E-mail: vincent_danho@yahoo.fr.

Introdução

O romance africano de expressão francesa, nas duas últimas décadas, é marcado por uma fórmula particular de escritura. Ela se afasta da narrativa calcada sobre o modelo ocidental do qual, em geral, os escritores da primeira geração se apropriaram. A escritura se define, a partir de então, por sua capacidade de invenção e intervenção, no âmbito da linguagem, lugar da atividade metalinguística. Em outros termos, a linguagem é empregada para falar da linguagem. O discurso do locutor em *Allah n'est pas obligé* de Ahamadou Kourouma¹ é uma ilustração disso. Segundo uma explicação capital de Josette Rey-Débove (1997, p.2):

[...] cada um de nós, qualquer que seja seu propósito, recorre necessariamente a essa “função metalinguística” quando comentários sobre o dizer são indispensáveis à comunicação, principalmente quando é necessário ajustar o discurso àquilo que se quer designar e significar (para relembrar, para aprender, para desambiguar).

O procedimento está ligado à explicitação do sistema linguístico do locutor, isto é, aos diferentes códigos ou léxicos que ele utiliza em seu enunciado para melhor se fazer compreender por seu alocutário. No romance analisado, esse procedimento discursivo é abundantemente utilizado, a ponto de tornar-se o princípio estruturante da narrativa. Sua presença marcante autoriza uma série de questionamentos: quais são os procedimentos metalinguageiros adotados pelo escritor na narrativa? Como os actantes, no campo literário, procedem à explicação de seu dizer, ao mesmo tempo, no eixo sintagmático e paradigmático? Em que os procedimentos metalinguageiros funcionam como coeficientes transformadores da narrativa? O presente artigo põe em relevo a diversidade dos procedimentos

¹ Ahmadou Kourouma nasceu em 1927, em Boundiali, ao norte da Costa do Marfim. Escritor de origem malinké, uma etnia presente em diversos países do oeste da África, ele faz parte da nova classe de escritores africanos chamada “os escritores da segunda geração” cujas obras são marcadas por uma ruptura temática e formal no âmbito da escritura. *Allah n'est pas obligé*, seu penúltimo romance, se inscreve nessa perspectiva. Seu valor se explica por um tema forte, as crianças-soldados, e uma escrita simples mas potente, a de uma criança, Birahima. Birahima, o narrador do romance, tem doze anos e retrata seu itinerário de criança-soldado da África contemporânea, entre Libéria e Serra Leoa, passando pela Guiné e pela Costa do Marfim. Órfão, jogado nas estradas em companhia do marabu meio filósofo, meio bandido, Yacouba, Birahima se envolve com um bando de ladrões. Com seu fuzil Kalashnikov a tiracolo, para ganhar seu soldo vai participar das piores execuções: violações, mortes etc. “Allah não é obrigado a ser justo em todas as coisas que criou aqui embaixo”. Esta é a máxima favorita do jovem Birahima para justificar a série de males que se abateram sobre ele desde seu nascimento.

transposicionais aos quais o autor de *Allah n'est pas obligé* recorre no corpo do romance. O conjunto dessas operações produz um efeito de “sobreescritura” no texto. O objetivo é analisar em uma abordagem narratológica a estrutura desse texto e os procedimentos discursivos, as formas de expressão por meio das quais é contada a estória. Ao lado da narratologia, acrescenta-se a semiótica definida por Joseph Courtés (1976, p.33) como a exploração do sentido, o processo de significação, em um contexto mais amplo que aquele da comunicação (emissor-receptor). Para tanto, o estudo expõe as diversas formas de discursos metalinguísticos dos quais a narrativa se apropria. A reflexão se dá igualmente sobre a reflexividade da escritura e a operação de tradução realizadas através da fórmula da equação $A = A'$. O estudo mostra, enfim, os procedimentos de transformação que servem de suporte à atividade metalinguagem.

1 A narrativa em discursos metalinguísticos: formas e características

Todo texto literário mobiliza técnicas e estratégias de escritura que lhe permitam, de maneira voluntária ou não, criar efeitos com a ajuda da linguagem ou, ainda, fazer passar mensagens, implícitas ou explícitas. *Allah n'est pas obligé* não foge à regra. O romance se apoia sobre diversos procedimentos discursivos para atingir esse objetivo. O sistema interrogativo, a reformulação do discurso indireto e o discurso dos dicionários constituem a primeira forma dos procedimentos metalinguagem. Trata-se de verdadeiros discursos sobre os discursos, os mais complexos, sob diversas formas, que se pode observar na escritura romanesca de Kourouma.

1.1 O sistema interrogativo em *Allah n'est pas obligé*: lugar de verificação do dizer

A obra de Kourouma faz aparecer um discurso interrogativo marcado por um ponto de interrogação. Empregado nas frases interrogativas diretas, o ponto de interrogação confirma, ou, pelo menos, ilustra, o estatuto metalinguístico, posto que indica uma mudança de registro da voz. Alguns exemplos poderiam mostrar a eficácia e a variedade dessa forma

metalinguageira²: “Petit Birahima [...]. Sais-tu que **tu es joli**? Sais-tu que **tu es beau**?” (p. 114)³.

O postulado “X é verdade para Birahima” seria equivalente a “Sim”, dito por Birahima em resposta à questão “você sabe que X?” feita por Rita Baclay, responsável pelo contingente de crianças-soldados, do qual Birahima faz parte. A interrogação que se dá a ler não é nem verdadeira nem falsa. Ela é muito mais destinada a trazer o verdadeiro ou o falso em uma resposta assertiva. Se ampliarmos a reflexão, os dois modelos formais de resposta assertiva simples a essas interrogações repetitivas seriam da seguinte ordem: “Você sabe que X?” → X, “Você sabe que X?” → Sim.

O ponto de interrogação, uma requisição de “dizer”, aparece como metalinguístico. Assim caracterizado, o sistema interrogativo que leva em conta a sintaxe, a entonação e o signo “?”, na narrativa, encontrar-se-ia envolvido na lógica da metalinguagem. Desse ponto de vista, a interrogação seria um tipo de imperativo metalinguístico, uma ordem de falar. Além disso, a interrogação “Você sabe que X?” contém uma asserção (e não uma interrogação, uma ordem etc.). Essa asserção sendo considerada como dizendo a verdade, pode-se fazer-lhe corresponder um enunciado metalinguístico interrogando sobre o verdadeiro:

“Birahiminha [...] Você sabe que você é lindinho?”	{ - eu sou lindinho - sim
“Você sabe que você é lindinho é verdade?”	{ - eu sou lindinho é verdade - sim

A rigor, o predicado “é verdade” não recobre a mesma verdade na pergunta e na resposta. A pergunta “Você sabe que você é lindinho é verdade?” tem como objeto a verdade fora de toda enunciação particular; o “você é lindinho” do qual ela trata não foi dito previamente por ninguém numa interrogação normal em que o interrogador toma a iniciativa. Essa asserção significada, fora de toda enunciação particular, não é ameaçada nem pelo erro nem pela mentira. A resposta, ao contrário, é considerada como dizendo a verdade, mas de maneira limitada. Se, *a priori*, o enunciado “Você é

2 N.T.: as citações de trechos do romance analisado serão mantidas em francês no corpo do texto e traduzidas em notas de rodapé.

3 Tradução: “Birahiminha, você sabe que você é uma gracinha? Você sabe que você é lindinho?”.

lindinho é verdade” não é considerado como uma mentira, pode ser fonte de erro, o que é bem comum nas asserções. Assim, seria conveniente assinalar que os enunciados analisados inicialmente “Petit Birahima [...] Sais-tu que tu es joli? Sais-tu que tu es beau?”, poderiam ter por estrutura profunda “Petit Birahima, dis-moi si tu es joli, dis-moi si tu es beau”⁴.

De todo modo, o sistema interrogativo que se desvela em toda sua complexidade na narrativa de Kourouma é um pretexto de mostraçã do dizer. Segundo Josette Rey-Débove (1997, p.248), o dizer pode designar um enunciado cujo conteúdo é: “Exato e sincero, errado e sincero, exato e insincero, errado e insincero”.

O sistema interrogativo pretende, portanto, interrogar sobre o primeiro modo exclusivamente. O discurso indireto permite igualmente ao leitor descobrir outras mudanças de nível de discurso, no corpo romanesco.

1.2 O discurso indireto como elemento característico da mudança de nível do discurso

Se o discurso narrativo permite contar uma história, não se oculta o fato de que ele pode recorrer a procedimentos discursivos para alcançar esse fim, principalmente o discurso indireto presente no romance de Kourouma. A fala relatada no discurso indireto em *Allah n'est pas obligé* é integrada e subordinada à narração. Ela é caracterizada por uma enunciação indireta, isto é, uma mudança de nível discursivo, visto que o enunciado não é relatado *in extenso*. Apresenta-se sob a forma de uma proposição subordinada dependente de um “verbo de dizer”. Esta é a posição de Robert Léon Wagner e Jacqueline Pinchon (1991, p. 33) quando afirmam que:

Os termos introdutórios de um enunciado em estilo indireto são, de maneira geral, todos aqueles cujo sentido evoca que um propósito foi formulado, pensado, imaginado pelo locutor ou por um personagem do qual o locutor se faz eco.

No entendimento de Wagner e Pinchon (1991), a primeira propriedade de um enunciado em discurso indireto é, portanto, a de ser produzido fundamentalmente por um único enunciadador, o relator. Esse princípio acarreta consequências importantes quanto à forma do enunciado. Um enunciado em

4 Tradução: “Birahiminha, diga-me se você é lindinho, diga-me se você é bonito”.

discurso indireto pode ser descrito como relatando um enunciado inicial do qual ele mudaria alguns dados factuais essenciais. Assim, o discurso indireto implica, no mínimo, operações de reformulação das marcas discursivas que podem ser esquematizadas por meio do segmento narrativo “Balla m’expliquait que cela n’avait pas d’importance et n’intéressait personne de connaître sa date et son jour de naissance”⁵ (KOUROUMA, 2000, p.20), assim:

Na situação de enunciação S1

O enunciador E1 = Balla

Explica ao destinatário D1:

“Birahima, isto não tem importância e não interessa a ninguém conhecer sua data e seu dia de nascimento”.

Na situação de enunciação S2 com um enunciador diferente

(supõe-se que) o enunciador D1 = Birahima

declara a uma terceira pessoa D2 (com a finalidade de relatar a enunciação acima).

Esse jogo enunciativo autoriza que uma reformulação das marcas discursivas fundamentais (pessoas, tempos dos processos, dêiticos) seja executada pelo relator Birahima em função de sua situação. Essa reformulação depende das relações extralinguísticas entre os dois enunciadores, os quais, um relata o outro. Contrariamente ao discurso direto, a estrutura do discurso indireto cria um efeito de distanciamento ou de afastamento. Alguns semioticistas da língua, narratólogos e linguistas da enunciação como Josette Rey-Débove e René Rivara apontam sua infidelidade, porque não reconstitui a expressão das palavras que relata. Mas no *corpus*, a narrativa pode se fundar numa fórmula discursiva que o restaura.

2 A narrativa de fórmula do tipo equacional (A = A')

O texto literário não é somente gerador de paráfrases, de glosas, de explicações, de críticas, de ensinamentos e de reescritas exteriores, ele também contém sua própria metalinguagem interna. São esses “aparelhos”, “operadores” que se pode reduzir sumariamente a uma “proposição assertiva

⁵ Tradução: “Balla me explicava que aquilo não tinha importância e que não interessava a ninguém conhecer sua data e seu dia de nascimento”.

e equacional ($A = A'$)” (JAKOBSON, 1977, p.256). Segundo ele, esses operadores fundam a atividade metalinguística. Voltando a *Allah n'est pas obligé*, a análise abordará dois aspectos da teorização desse procedimento de escritura: o caráter reflexivo da escritura e a operação de tradução.

2.1 Da reflexividade da escritura romanesca

Uma relação reflexiva é uma relação na qual cada elemento está em relação com ele mesmo. Em outros termos, a escritura reflexiva que caracteriza a metalinguagem é o retorno operado pela linguagem, ou pelo discurso, sobre si mesmo tendo em vista um desenvolvimento mais claro e um maior domínio de seus processos. Falando dessa reflexividade, Roman Jakobson (1963, p.53) escreveu:

[...] assim nós podemos falar em francês (tomado enquanto metalinguagem) a propósito do francês (tomado como linguagem objeto) e interpretar as palavras e as frases do francês por meio de sinônimos, circunlocuções e paráfrase francesas. [...] tais operações [...] evidenciam-se como sendo integrantes de nossas atividades linguísticas usuais.

Essas ponderações mostram como a dimensão reflexiva da linguagem é um fio que atravessa a obra de Kourouma. O uso de expressões malinkés e inglesas, por exemplo, em um texto escrito em francês, é o índice imediato de reflexividade na medida em que esse uso se justifica por numerosos empregos sinonímicos e circunlocucionais no corpo romanesco. O ato que consiste em explicar ou ainda, em optar por uma linguagem de superação, implica necessariamente uma atividade metalinguística. A metalinguagem, dominada pela função metalinguística, é, com efeito, a linguagem que se significa a si própria; os exemplos mais marcantes são o discurso do narrador principal, que se transforma em linguista de ocasião:

Les autres ont suivi, pied la route. Oui pied la route. (Je vous l'ai déjà dit: pied la route signifie marcher) [...] On tuait les gens comme si personne ne valait le pet d'une vieille grand-mère. Au village, quand quelque chose n'a pas d'importance, on dit qu'il ne vaut pas le pet d'une vieille grand-mère. Je l'ai expliqué une fois déjà, je l'explique encore (KOUROUMA, 2000, p.63-66)⁶.

6 Tradução: Os outros seguiram, pé na estrada. Sim pé na estrada. (Eu já disse: pé na estrada significa andar) [...] matavam-se as pessoas como se ninguém valesse o peido de uma velha avó. Na aldeia, quando alguma coisa não tem importância, a gente diz que não vale o peido de uma velha avó. Eu já expliquei uma vez, eu explico de novo.

A reflexividade do discurso procede de início de seu próprio código. O emprego com ostentação do vocábulo francês no universo diegético para reexplicá-lo ou utilizá-lo em um discurso cheio de circunlocuções parece ser em Ahmadou Kourouma um procedimento familiar e quase ritual. Falando dessa reflexividade como “poder maior”, Émile Benveniste nota: “A língua pode tomar por objeto qualquer ordem de dados e até mesmo sua própria natureza [...]” (1974, p. 97). Daí, acrescenta-se: “provém seu poder maior, aquele de criar um segundo nível de enunciação em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância” (1974, p. 65).

Tomando-se a si própria por objeto, a linguagem reaparece sob uma modalidade onde “não há nada a dizer além de si”. O interesse, chegando à obsessão, pela linguagem, torna-se cada vez mais intenso em *Allah n'est pas obligé*. A linguagem permite ordenamentos interessantes uma vez que sempre se pode utilizá-la para falar sobre a linguagem. Roman Jakobson (1977, p. 256) denomina-os “figuras metalinguísticas”.

Entretanto, é necessário sublinhar que a narrativa em *Allah n'est pas obligé* se constrói sem regra formal rígida. Pode variar da tradução mais fiel à simples sugestão de sentido, da ausência total de tradução e de definição imediata à explicação-tradução diferenciada.

2.2 Allah n'est pas obligé e a operação de tradução

A forma de transposição mais visível e, sem dúvida, mais expandida, no romance, é a tradução. Consiste em transpor um enunciado, ou segmento narrativo, de uma língua para outra. Assim, a fórmula mais justa é talvez aquela do linguista Eugène Albert Nida retomada por Gérard Genette (1982, p. 295) quando afirma: “Tudo o que pode ser dito em uma língua pode ser dito em uma outra língua”. Compreende-se que a criação literária é sempre menos parcialmente inseparável da língua em que ela pode se exercer. Evocando a relação entre a escritura romanesca e a tradução, Kourouma põe em evidência o próprio fundo do problema inerente a toda situação de bilinguismo. Daí, às vezes, a necessidade de recorrer, quando utiliza um hipotexto africano, a um comentário ou a uma definição que esclareça ou traduza completamente o seu sentido:

Je dis pas comme les nègres noirs africains indigènes bien cravatés: merde! Putain! Salaud! J'emploie les mots malinkés comme Faforo! (Faforo signifie sexe de mon père ou du père ou de ton père) comme gnamokodé! (Gnamokodé! signifie bâtard ou bâtardise.) Comme walahé! (walahé! signifie au nom d'Allah.) Les Malinkés, c'est ma race à moi (p.10)⁷.

A atividade bilíngue nesse extrato é composta de uma atividade de tradução entre duas línguas distintas: o malinké e o francês. A atividade de tradução se coloca como estratégia de mediação. Ela visa à equivalência de significação. Melhor, seu uso é uma maneira de atenuar o choque do confronto entre a língua fonte e a língua de escritura.

Evidentemente, o sistema interlinguístico de Kourouma é aquele em que um discurso metalinguístico em língua L1 fala dos itens da língua L2. Por exemplo, todos os itens que não pertencem a L1 podem assim aparecer no discurso de L1, sem prejuízo de sua aceitabilidade (MAINGUENEAU, 2011, p.140). *Allah n'est pas obligé* é também o lugar de confronto de itens de uma mesma língua. Birahima, o narrador herói, funda sua narrativa num estilo oral de acordo com seu nível de estudo muito baixo. Ele o diz em termos que inspiram a piedade e a emoção:

Mon école n'est pas arrivé très loin; j'ai coupé cours élémentaire deux. J'ai quitté le banc parce que tout le monde a dit que l'école ne vaut plus rien, même pas le pet d'une grand-mère. C'est comme ça on dit en nègre noir africain indigène quand une chose ne vaut rien. On dit que ça ne vaut pas le pet d'une vieille grand-mère (p. 9)⁸.

O trabalho metalinguístico que prevalece no texto de Kourouma pode ser assim qualificado como participativo na medida em que apela ou mais ainda obriga o leitor a uma espécie de cumplicidade. *Allah n'est pas obligé* joga com essa forma de “dialogismo”.

Em função do novo estado do campo literário voltado para a liberdade criadora e de sua posição de autor prolixo, Kourouma opta por um código linguageiro que lhe é próprio. Ao associar francês “popular” e narração

7 Tradução: Eu não falo como os negros pretos africanos nativos engravatados: merda! Puta! Eu emprego palavras malinkés como Faforo! (Faforo significa sexo do meu pai ou do pai ou de teu pai) como gnamokodé! (Gnamokodé! significa bastardo ou bastardice). Como walahé! (walahé! Significa em nome de Allah.) Os malinkés, essa é a minha raça.

8 Tradução: Minha escola não chegou muito longe; interrompi o curso elementar dois. Abandonei o banco escolar porque todo mundo disse que a escola não vale mais nada, nem mesmo o peido de uma velha avó. É como se diz em negro preto africano nativo quando uma coisa não vale nada. Se diz que não vale o peido de uma velha avó.

literária, apresenta esse código linguageiro como o único capaz de dar conta do caos e da barbárie.

As operações de tradução que se efetuam na narrativa assinalam com força as transformações que Kourouma opera a partir de um texto escrito em uma língua diferente de sua língua materna. Visto de perto, o essencial do projeto romanesco de Kourouma não reside na tradução, mas na descoberta de uma língua-escritura nova e singular do escritor. Verdadeiramente, não existe transposição inocente que não modifique, de uma maneira ou de outra, a significação de seu hipotexto. O narrador-tradutor propõe-se, simplesmente, a dizer “a mesma coisa” que seu hipotexto em outra língua: portanto, não são transposições, em princípio, puramente formais. Nas diversas formas de *aumento*⁹, ao contrário, a visada aparece mais complexa, ou mais ambiciosa, posto que ninguém pode se vangloriar de alongar um texto sem acrescentar texto, e, portanto, sentido, nem de contar “a mesma história” segundo um outro ponto de vista sem modificar, pelo menos, sua carga psicológica. Tais práticas estão ligadas então, ao menos parcialmente, à transposição em seu sentido mais forte.

3 Os procedimentos transformacionais sobre o substrato da atividade metalinguageira

Os procedimentos transformacionais se realizam pelo viés da atividade metalinguageira. O prefixo “meta” indica o texto, a linguagem ou o discurso derivado de um outro texto, linguagem ou discurso preexistente. Essa derivação fala de um texto, de um gênero sem necessariamente citá-lo. A transformação ou transposição é sem dúvida alguma a mais importante das práticas hipertextuais. Ela é percebida pela reativação de um gênero, o que se faz por mimetismo. Concerne igualmente às duas operações de *aumento*: a extensão e a expansão.

⁹ É a Gérard Genette (1982, p. 321-364) que devemos os esclarecimentos sobre essa operação: “Um texto, literário ou não, pode sofrer dois tipos antitéticos de transformação que qualificarei, provisoriamente, de puramente quantitativos, e portanto, a priori, puramente formais e sem incidência temática. Essas duas operações consistem, uma, em abreviá-lo – batizêmo-la de *redução* – e a outra em estendê-lo – a que chamaremos de *aumento*. Mas existem, bem entendido, diversas maneiras de reduzir ou de aumentar um texto. [...] Como sua redução não pode ser uma simples miniaturização, a *aumento* de um texto não pode ser um simples crescimento: como não se pode reduzir sem cortar, não se pode aumentar sem acrescentar, e tanto numa como na outra, tal operação não acontece sem distorções significativas”.

3.1 Da reativação genérica à hipertextualidade mimética: práticas de remodelagem do discurso romanesco africano

Gérard Genette (1982, p. 16) chama de “hipertexto todo texto derivado de um texto anterior por transformação simples ou por transformação indireta; diremos imitação”. Segundo Genette, não existe obra literária que, em algum grau e segundo as leituras, não evoque alguma outra. A abordagem mimética que se segue consiste pois em replicar a forma do texto original. É uma obra elaborada no gênero, no estilo de um autor ou de uma corrente literária. É claro que um gênero não corresponde somente a uma situação ou a um horizonte de expectativa historicamente situados. Procede igualmente por contágio, imitação. Por conviência, a história da literatura africana é também a de diversas imitações de um modelo inicial surgido como aerólito. O romance africano francófono é largamente tributário dessa atividade mimética. O fenômeno é ainda mais manifesto quando um autor como Ahmadou Kourouma se aplica em trazer para a atualidade uma corrente de sucesso que data de séculos distantes. É o que acontece em *Allah n'est pas obligé*, romance africano contemporâneo em que o problema da língua e da linguagem é o mais importante no universo romanesco. Além disso, a exploração da linguagem nos seus mínimos detalhes torna-se um verdadeiro ponto de partida do narrador, que explica com um charme singular seu gosto pela escritura:

C'est alors qu'à germé dans ma caboche (ma tête) cette idée mirifique de raconter mes aventures de A à Z. De les conter avec les mots savants français de français, toubab, colon, colonialiste et raciste, les gros mots d'africain noir, nègre, sauvage, et les mots de nègre de salopard de pidgin (p.233)¹⁰.

Por meio dessa mistura de palavras, liberam-se os propósitos de reativação genérica. A fórmula em questão faz parte do conjunto das práticas e das experiências da escritura surrealista, até mesmo pós-moderna. Misturando as técnicas narrativas ou enunciativas a essa estética, Kourouma dedica-se a uma verdadeira contaminação genérica. A contaminação, uma dupla imitação, é também uma técnica de transformação, ou mesmo de remodelagem, de reciclagem. Kourouma produz um gênero novo

10 Tradução: Foi então que germinou em minha cachola (minha cabeça) essa ideia surpreendente de narrar minhas aventuras de A a Z. De contá-las com as palavras sábias francesas de francês branquelo, colono, colonialista e racista, palavrões de africano preto, *negro*, *selvagem*, e as palavras de *negro de patife de pidgin*.

introduzindo no romanesco a vernacularização, a dialetalização, e mais extensivamente ainda, “a malinkização”. *Allah n'est pas obligé* se constrói e se institui a partir do substrato das práticas discursivas e linguageiras da cultura natal cuja exumação encontra os limites próprios à arte da escritura.

O empreendimento de Kourouma leva portanto a entender que a partir do autêntico, isto é, do texto preexistente inserido numa língua como o francês e numa prática genérica como o romance, pode-se produzir o novo, uma nova estética. Esta é fundada sobretudo no aporte de um toque pessoal a uma prática genérica já codificada. A reativação genérica e a prática hipertextual são os recursos mais importantes que resultaram na remodelagem do discurso romanesco africano na obra desse autor, dentre os quais a aumentação é o elemento mais visível.

3.2 A aumentação por adição massiva ou a extensão

O principal investimento da extensão encontra-se no teatro, e particularmente no teatro clássico francês. Autores dos séculos XVII e XVIII, como Corneille e Voltaire, adaptaram para a cena moderna tragédias gregas cujos temas lhes pareciam certamente admiráveis, mas insuficientemente “carregados de matéria” para ocupar a cena durante os cinco atos regulamentares. O caso mais típico é certamente o de Édipo Rei, que (entre outras transformações e reinterpretações) recebeu extensões de todos os tipos com a finalidade de preenchimento, desde aquela época até nossos dias. Essa operação é também convocada por Ahmadou Kourouma que a evidencia na estruturação do romance. Em *Allah n'est pas obligé* essa invenção é característica dos níveis narrativos constatados no corpo romanesco. A narrativa, escreve Kacou-Bi Parfait Diandué (2003, p.415):

[...] tem uma estrutura geral de “correntes” onde cada micro-narrativa representa um elo certamente autônomo, mas que só tem importância em relação à junção com outros elos. É por isso que cada micro-narrativa infere a estruturação, a compartimentação da história em porções narrativas independentes umas das outras mas cujo conjunto assegura a unidade semântica do texto.

Essas porções narrativas concernem os discursos metadieéticos que perpassam a narrativa. Estes são considerados como discursos estranhos ao discurso primeiro. É uma ocasião que o narrador aproveita para contar a

história de um de seus “irmãos em armas”, Siponni a víbora, morto por curiosidade maldosa:

Les enfants-soldats passèrent à leur mission habituelle, l'espionnage. Au cours d'une mission d'espionnage, les chasseurs tuèrent trois enfants-soldats. Parmi les enfants-soldats morts, il y avait Siponni la vipère [...]. Lui, Siponni, c'est l'école buissonnière qui l'a perdu. [...] Dans la prison des enfants, Siponni tomba sur Jacques. Jacques avait entendu parler des enfants-soldats du Liberia et de Sierra Léone et il ne rêvait que d'être un enfant-soldat. Il communiqua son enthousiasme à Siponni. Ils décidèrent tous les deux d'aller au Liberia, aux enfants soldats (p. 192-194)¹¹.

O narrador procede essencialmente por inserções metadieéticas. Ele se serve da história de seu companheiro para dar as razões que motivam o engajamento das crianças-soldados naquela aventura perigosa legitimando assim seu ato.

Os discursos metadieéticos, que podem ser qualificados assim de discursos segundos, são então argumentos, comentários, justificativas. Subsequentemente, constituem técnicas ou estratégias narrativas utilizadas pelo narrador-herói para relatar um fato em relação com um personagem. Os discursos metadieéticos desenvolvem então “a função testemunhal” tal como a concebe Vincent Jouve (1999, p. 27).

Birahima, “narrador extradiegético-heterodieético conta em uma narrativa primeira uma história da qual estava ausente” (JOUVE, Id., p.26). No plano da estrutura, a história de Birahima que representa a narrativa (1) é entrecortada por discursos metadieéticos representando as narrativas (2). O leitor está em presença de uma estrutura entrecortada. A compartimentação da estrutura geral torna-se necessária pelo uso da fórmula “n+1”¹², típica da metalinguagem.

O segundo tipo de aumentação procede não mais por adição massiva, mas por um tipo de dilatação estilística.

11 Tradução: As crianças-soldados passaram à sua missão habitual, a espionagem. Durante uma missão de espionagem, os caçadores mataram três crianças-soldados. Entre as crianças-soldados mortas, havia Siponni a víbora [...]. Ele, Siponni, foi o hábito de matar aula que o perdeu [...]. No reformatório infantil, Siponni encontrou Jacques. Jacques tinha ouvido falar das crianças-soldados da Libéria e de Serra Leoa e ele só sonhava em ser uma criança-soldado. Comunicou seu entusiasmo a Siponni. Os dois decidiram ir para a Libéria, às crianças-soldados.

12 Segundo Josette Rey-Débove (1997, p. 18), **n** significa linguagem primária, **n + 1** corresponde à linguagem secundária.

3.3 A aumentação por dilatação estilística

Para fazer paradigma com a extensão, a aumentação por dilatação estilística é também chamada de expansão. Em sua primeira forma, o narrador constrói seu discurso por excesso de precisões, de explicações:

Le grand quelqu'un hadji Tiécoura alias Yacouba, un matin après la prière, a dit qu'il allait m'emmener au Liberia. Il voulait m'accompagner parce qu'il était aussi multiplicateur de billets. Un multiplicateur de billets est un marabout à qui on donne une petite poignée d'argent un jour et qui, un autre jour, te rembourse avec plein de billets CFA ou même des dollars américains. Tiécoura était multiplicateur de billets et aussi marabout devin et marabout fabricant d'amulettes (p.39)¹³.

A parte de expansão é bastante notável: ela consiste, para o narrador, em se expressar sem hesitação. A hesitação, nesse caso, daria lugar ao mutismo. Para fazer desaparecer totalmente o mutismo, o narrador usa de figuras retóricas num hipotexto julgado literal, e mesmo lacônico. É por isso que ele reclama seu direito de restituir integralmente tudo o que o texto primário omitiu. Os procedimentos de linguagem utilizados pelo narrador nesse extrato ilustrativo – a dilatação dos detalhes (excesso de precisão) e o discurso analógico – são destinados a tornar o pensamento mais tocante. Além disso, a estratégia narrativa obedece àquilo que Catherine Kerbrat-Orecchioni qualifica de “lei da exaustividade”¹⁴.

A última forma de expansão é a “transformação definicional”¹⁵, qualificada também por Gérard Genette de “transformação lexical”. Para veicular sua mensagem, Birahima recorre a quatro dicionários: o *Larousse*, o *Petit Robert*, o *Inventário das particularidades lexicais do francês na África* e o *Harrap's*. O desejo de Birahima, diante de um público linguisticamente e

13 Tradução: O grande alguém hadji Tiécoura aliás Yacouba, uma manhã após a prece, disse que ia me levar à Libéria. Ele queria me acompanhar porque ele também era multiplicador de notas de dinheiro. Um multiplicador de notas é um marabu a quem a gente dá uma pequena porção de dinheiro e que, num outro dia, te reembolsa com muitas notas CFA ou mesmo de dólares americanos. Tiécoura era multiplicador de notas e também marabu adivinho e marabu fabricante de amuletos.

14 Para Catherine Kerbrat-Orecchioni (*L'implicite*) “A lei da exaustividade” exige que o locutor dê, sobre um objeto ou um ser do qual fala, as informações mais precisas que ele possui, e que são suscetíveis de interessar ao destinatário. Como a lei da informatividade, a lei da exaustividade, para o narrador, está subordinada à lei da pertinência. O essencial, para ela, é fornecer, no limite de sua pertinência, o máximo de informações. (p.214)

15 A transformação definicional, segundo Gérard Genette (1982, p. 64) consiste em eleger por convenção um dicionário e em substituir a cada palavra ou substantivo de um texto primário sua definição neste dicionário.

culturalmente heterogêneo ou mesmo heteróclito, funda o procedimento da transformação definicional. É com o Larousse que ele inicia sua expansão nesse segmento discursivo:

Ce n'est pas en plume qu'il faut dire mais en prime. Il faut expliquer en prime aux nègres noirs africains indigènes qui ne comprennent rien à rien. D'après Larousse, en prime signifie ce qu'on dit en plus, en rab¹⁶ (KOUROUMA, 2000, p. 12).

Daí, há a ilustração das diferenças linguísticas que o narrador faz contrastar pelo emprego de subterfúgios. A presença do verbo “significar” estabelece então uma relação entre um signo e um sentido, isto é, uma relação interna do signo que só é capturada pela “shize”¹⁷. O discurso que determina o sentido é aquele de uma teoria semântica da significação. A vantagem lúdica da transformação definicional se lê no caráter “maquinal” do procedimento, por um lado, e no caráter imprevisível do resultado obtido, por outro lado.

Com efeito, o recurso a tal ou tal dicionário, pelo narrador, na translação lexical e na transformação definicional já faz intervir, a título de transformador ou de interpretante, alguma coisa como um segundo texto, uma metalinguagem. Kourouma opta sempre pela explicitação do texto narrativo, em benefício do leitor. É pois a propósito que Désiré Clitandre Dzonteu (2005, p. 29) escreve: “A vontade de clarificação do discurso utilizado em sua narrativa faz com que as preocupações metalinguísticas e metadiscursivas tornem-se os valores absolutos dessa obra”.

Isto parece indicar que uma aumentação literária remete a um desses tipos. Além disso, é necessário considerar a extensão e a expansão estilística como as duas vias fundamentais de uma aumentação generalizada, que consiste o mais frequentemente em sua síntese e em sua cooperação para a qual Gérard Genette reserva o termo clássico de amplificação. A expansão diegética, resultante da expansão estilística, é inseparável das “intrusões” extralinguísticas ou extradieéticas de um narrador prolixo, imbuído de sua função didática, e muito ostensivamente onisciente.

16 Tradução: Não é *en plume* que se deve dizer, mas *en prime*. É necessário explicar *en prime* aos negros pretos africanos nativos que não compreendem nada de nada. Segundo o Larousse, *en prime* significa o que se diz a mais, repetidamente.

17 Este termo é evocado por Josette Rey-Débove (1977, p. 152). Considera o plano do significante e aquele do significado.

Considerações finais

Allah n'est pas obligé constitui em definitivo um espaço estético rico onde a atividade metalinguageira se imiscui no discurso narrativo. Essa atividade permitiu explorar as diversas formas de discursos metalinguísticos, principalmente o sistema interrogativo, revelador do “dizer”, o discurso indireto visto como elemento característico da mudança de nível do discurso.

Outras formas de discurso metalinguístico foram também identificadas e analisadas na narrativa. Trata-se da operação de reflexividade e de tradução dos aspectos da linguagem, simbolizados pela fórmula equacional $A = A'$. Esses diversos procedimentos discursivos foram convocados por Kourouma na trama romanesca com a finalidade de revelar as vias pelas quais o sentido se constrói.

Além disso, os meios de estudar a influência da atividade metalinguageira sobre a narrativa residem nas práticas hipertextuais em que os procedimentos de transformação são realizados. Eles participam da reativação genérica. Colocam também em relevo os dois tipos de aumentação: a extensão e a expansão.

No corpo romanesco, a extensão procede sobretudo por inserções metadieéticas, por intervenções extralinguísticas e extradieéticas quando a expansão decorre da dilatação estilística, o discurso se construindo seja por excesso de precisões, seja pela transformação definicional em que o querer dizer e o querer falar permanecem iminentes.

É a essa singularidade da escritura que Michel Foucault (1992, p. 55) faz alusão quando escreve: “Saber consiste portanto em relacionar linguagem a linguagem. Em restituir o grande plano uniforme das palavras e das coisas. Consiste em tudo fazer falar. Isto é, em fazer nascer, acima de todas as marcas, o discurso segundo”.

Em *Allah n'est pas obligé*, as palavras não trazem um sentido unívoco, mas conotam denotando. Assim, esse romance pode ser considerado um *continuum* transposicional, sintomático da escritura pós-moderna e se torna uma das inumeráveis transformações lexicais possíveis do imaginário de Kourouma. Assiste-se assim a um exercício de alta performance literária que, por fim, não oculta em nada a parte trágica da obra.

DANHO, Vincent Yayo. A atividade metalinguagem como procedimento discursivo estruturante da narrativa em *Allah n'est pas obligé* de Ahmadou Kourouma. Trad. Wiliame Viriato Rolim e Angela Maria da Silva Corrêa. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 6, p. 214-231, jun.2014.

Referências

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale**, II. Paris: Gallimard, 1974.

COURTÈS, Joseph. **Introduction à la sémiotique narrative et discursive**. Paris: Hachette, 1976.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Opérations et représentations, Tome 1. Paris: Ophrys, 1990.

DIANDUÉ, Kacou-Bi Parfait. **Histoire et fiction dans la production romanesque d'Ahmadou Kourouma**. Abidjan; Limoges, 2003. Tese (Doutorado em Literatura Geral e Comparada) - Université d'Abidjan-Cocody; Université de Limoges.

DZONTEU, Désiré Clitandre. **La métadiscursivité dans Allah n'est pas obligé et parole de vivant**. Libreville, 2005. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Literatura Africana Escrita) - Université Omar Bongo. Disponível em: <http://publikationen.ub.uni-frankfurt.de/files/21473/UniOmarBongo_LA_METADISCURSIVITE_DANS_ALLAH.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2013.

FOUCAULT, Michel. **Les mots et les choses**. Paris: Gallimard, 1992.

GENETTE, Gérard. **Discours du récit**. Paris: Points, 2007.

_____. **Palimpsestes ou la littérature au second degré**. Paris: Seuil, 1982.

JAKOBSON, Roman. **Huit questions de poétique**. Paris: Seuil, 1977.

_____. **Essais de linguistique générale**. Paris, Minuit, 1963.

JOUBE, Vincent. **La poétique du roman**. Paris: SEDES/HER, 1999.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **L'implicite**. Paris, Armand Colin, 1998.

KOUROUMA, Ahmadou. **Allah n'est pas obligé**. Paris: Seuil, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **Le discours littéraire: Paratopie et Scène d'énonciation**. Paris: Armand Colin, 2011.

REY-DÉBOVE, Josette. **Le métalangage: étude linguistique du discours sur le langage**. Paris: Arnaud Colin /Mason, 1997.

TROFIN, Roxana Anca. Les cours de langue et le métadiscours linguistique. **Synergies Roumanie**, Cluj-Napoca, n. 4, p. 147-154, 2009.

DANHO, Vincent Yayo. A atividade metalinguageira como procedimento discursivo estruturante da narrativa em *Allah n'est pas obligé* de Ahmadou Kourouma. Trad. Wiliane Viriato Rolim e Angela Maria da Silva Corrêa. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 6, p. 214-231, jun.2014.

WAGNER, Robert Léon; PINCHON, Jacqueline. **Grammaire du français**: classique et moderne. Paris: Hachette Supérieur, 1991.

Tradução:

Wiliane Viriato Rolim

Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB)

E-mail: wilianerolim@yahoo.com.br

Angela Maria da Silva Corrêa

Docente da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

E-mail: angcorr@superig.com.br